

ADAPTAÇÃO ACENTUAL DE EMPRÉSTIMOS JAPONESES EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

STRESS ADAPTATION OF JAPANESE LOANWORDS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Ana Livia Agostinho*
a.agostinho@ufsc.br

Lara Richter**
larabertazzor@gmail.com

Este artigo investiga a adaptação de acento de empréstimos de origem japonesa no português brasileiro. A partir de um corpus lexical composto por empréstimos, observou-se como ocorre a adaptação acentual através de dados de fala gravados no bairro da Liberdade, em São Paulo, Brasil, com o objetivo de comparar a produção de falantes de português brasileiro descendentes e não descendentes de japoneses. A partir da análise dos dados, concluiu-se que o acento oxítono é produtivo no português brasileiro, uma vez que está presente em 49% dos dados de fala de falantes de ascendência não japonesa, e em 52% de falantes de ascendência japonesa. Além disso, 67% dos dados de fala que não possuem sílaba pesada final em japonês foram adaptados com acento final. Também foi observado que há uma tendência para que vogais longas do japonês sejam adaptadas para o português brasileiro como sílabas acentuadas por conta da duração, enquanto o *pitch-accent* do japonês não é reconhecido ou reproduzido neste processo de adaptação.

Palavras-chave: Fonologia. Acento. Português brasileiro. Empréstimos. Japonês.

This paper investigates the adaptation of the stress in Brazilian Portuguese loanwords from Japanese. Through a lexical corpus composed of loanwords, it was observed how stress adaptation occurs on speech data recorded in the neighborhood of Liberdade, in São Paulo, Brazil, with the aim of comparing the production between Brazilian Portuguese speakers of Japanese and non-Japanese descent. From the data analysis, it was concluded that the final stress is productive in Brazilian Portuguese, since it is present in 49% of the speech data of speakers of non-Japanese descent and in 52% of speakers of Japanese descent. In addition, 67% of speech data that do not have a final heavy syllable in Japanese were adapted with a final stress. It was also noticed that there is a propensity to Japanese long vowels being adapted as stressed syllables in Brazilian Portuguese because of its length, while Japanese pitch-accent is not recognized or reproduced in this adaptation process.

Keywords: Phonology. Stress. Brazilian Portuguese. Loanwords. Japanese.

* Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2395-4961>.

** Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8674-4390>.

•

1. Introdução

A relação entre o português e o japonês é dividida historicamente por Kono (2001) em três etapas: a primeira no século XVI, período das navegações portuguesas, ocorrendo principalmente durante a tentativa de disseminação do cristianismo no Japão por missionários; a segunda durante a imigração japonesa de 1908 para o Brasil; e a terceira após o retorno de alguns dos descendentes destes imigrantes para o Japão, a partir de 1990. Em todas as etapas foram incorporados empréstimos por ambas as partes, porém o enfoque desta pesquisa são os empréstimos do japonês para o português brasileiro (PB). Segundo Araujo e Agostinho (2009) os empréstimos do japonês se associam à própria cultura japonesa, incluindo culinária, artes, lutas, entre outros. Entre estes empréstimos encontram-se expressões que se referem a diversos elementos culturais, como sushi, origami, judô, etc. Assim como os outros empréstimos tomados pelo português, estes são, em sua maioria, pertencentes à classe substantival (*cf.* Alves 2007).

O empréstimo é o resultado da adaptação de um item lexical introduzido, na língua-alvo, por falantes que têm acesso à língua emprestadora (Paradis & Label 1994) e é regido por restrições fonológicas. O processo de nativização destes empréstimos envolve as adaptações feitas espontaneamente e sem objetivo de ser fiel à língua original pelos falantes da língua que está incluindo o empréstimo (*cf.* Carvalho 2009). Segundo Holden (1976), a hipótese de que empréstimos teriam uma fonologia diferente do sistema nativo não se sustenta, uma vez que muitas regras fonológicas do sistema nativo são aplicadas aos empréstimos. Ao mesmo tempo, o empréstimo pode apresentar traços fonético-fonológicos que se diferem do vocabulário nativo em alguns casos (Holden 1976).

Tendo em vista que o estudo de empréstimos apresenta conhecimento da L1, pretende-se observar a fonologia do PB, considerando que fonologia de empréstimo envolve produção e percepção, sem possibilidade de separá-los (*cf.* Calabrese & Wetzels 2009). Para Holden (1976), “quando um falante nativo monolíngue é confrontado com material novo, podemos observar o modo como ele modifica esse material e assim podemos vislumbrar a natureza de suas restrições linguísticas”. Além disso, Hyman (1970) assume que uma regra é produtiva se aplicada a palavras novas e argumenta que a nativização de elementos linguísticos é um indicador de quais regras são ‘reais’ e estão ativas na língua receptora. Sendo assim, é possível observar como se comporta a língua que recebe empréstimos (L1) através das adaptações feitas pelos falantes (*cf.* Calabrese & Wetzels 2009).

O objetivo deste trabalho é observar a atribuição de acento, por falantes de PB, a empréstimos linguísticos vindos do japonês, considerando os demais aspectos fonético-fonológicos envolvidos no processo. À vista disso, é analisado um *corpus* de dados de gravação de 36 empréstimos com falantes de São Paulo-SP, tanto de origem japonesa quanto de origem não japonesa. Os empréstimos foram selecionados a partir do *corpus* de 102 empréstimos de origem japonesa apresentado em Richter e Agostinho (2017),

constituído principalmente por itens lexicais encontrados no Guia da Cultura Japonesa (2004) e em Fujiwara (2014).¹

Deste modo, busca-se responder se há um padrão para a acentuação dessas palavras que possa confrontar ou se associar ao que já foi proposto ao acento do PB e se a produção de falantes brasileiros de origem japonesa difere da de outras origens.

Segundo Richter e Agostinho (2017), 90% das palavras de origem japonesa analisadas não corresponderam ao acento original, o que demonstra que a variação tonal encontrada no japonês não é um fator reconhecido e/ou reproduzido pelo falante de português. Dentre as adaptações, 57% são oxítonas em português, o que contraria a esperada predominância de paroxítonas na língua. Como justificativa, foi levantada a hipótese de que o falante, ao ouvir vogais não reduzidas ao fim da palavra, reconheça como uma sílaba acentuada.

Além disso, os resultados apresentados por Richter e Agostinho (2017) confirmam a hipótese de Ferreira Netto (2001) concernente ao peso silábico ser responsável pelo acento em oxítonas, tanto com relação a ditongos quanto à nasal fonológica, como em *samurai* [samu'raj] (jap. [samurai]) e *gohan* [go'hẽ] (jap. [goha'N]). Também se deve considerar que o falante de PB possa reconhecer, nestes casos, o maior número de moras em japonês, e compensar com o fator de duração fonética do acento em PB. Segundo as autoras, o fato de o acento no português ter como um dos correlatos acústicos a duração se mostra relevante em palavras com uma vogal longa, adaptadas como tônicas em 87% dos casos, como em *sumô* [su'mo] (jap. [sumo:]), sendo exceções a esta regra, por exemplo, palavras que corresponderiam a uma proparoxítona no português, a fim de evitar esse padrão em PB, como na palavra *shitake* [ʃi'taki] (jap. [ɕi:'take]).

Segundo Richter e Agostinho (2017), o fato de o padrão acentual do japonês diferir do sistema do português, somado ao fato de que 90% das palavras não mantêm o *locus* original do acento, demonstra que não haveria nenhum impedimento fonológico para a adaptação da maioria das palavras como paroxítonas, como seria esperado, levando em conta o padrão acentual do PB. A palavra *sushi*, por exemplo, poderia ter sido adaptada como paroxítona, como ocorre em inglês.

Richter e Agostinho (2017) afirmam que não há uma relação clara entre qualidade da vogal tônica no português e acento em empréstimos de origem japonesa, mas há uma tendência das vogais [i] e [u] atraírem o acento oxítono, como previsto por Agostinho e Araujo (2007a, 2007b). No entanto, não é possível afirmar que a qualidade da vogal exerça, sozinha, uma influência na posição do acento, uma vez que já foi visto como outros fatores, tais como peso silábico e duração, influenciam em maior escala.

As autoras observam que palavras que apresentam variação acentual na adaptação para o PB (18% do total) ocorrem, em hipótese, por terem mais de um fator que atrairia o acento, gerando conflito. Um exemplo disso seria o empréstimo *batian* ['batʃjẽ], [ba'tʃjẽ] ou [batʃi'ẽ] (jap. [oba:'tean]) respeitando a regra de duração no português e

¹ A ortografia dos empréstimos dicionarizados foi mantida. Em relação aos empréstimos não dicionarizados, empregamos a ortografia encontrada em outras fontes. Em caso de mais de uma forma ortográfica, optamos pela mais fonológica.

compensando a vogal longa do japonês no primeiro caso, ou prevalecendo a última sílaba pesada fonologicamente, no segundo caso.

Na seção 2, apresentamos brevemente algumas discussões referentes aos sistemas acentuais das duas línguas em estudo. Em seguida, na seção 3, detalhamos os procedimentos utilizados no recolhimento e na classificação dos dados da pesquisa de campo. A seção 4 traz a análise e discussão dos dados. Finalmente, na seção 5, apresentamos as considerações finais.

2. Acento

O acento é o traço fonológico mais difícil de ser definido foneticamente, dependendo, em grande parte, do julgamento e percepção de falantes (Kenstowicz 1994). Outras formas de determinar como o acento se comporta em determinada língua, segundo o mesmo autor, é observando outros processos desencadeados pela atribuição de acento, como vogais reduzidas em sílabas não acentuadas, ou efeitos relacionados à prosódia, como a resolução de choque de acento entre palavras.

Com a publicação do *The Sound Pattern of English* (SPE), o acento foi definido através do traço [*stress*] (Chomsky & Halle 1968). Porém, a partir da teoria do SPE, foram criados os modelos das fonologias não lineares, como a grade métrica, em que o acento não é visto como um traço fonológico, nem como uma propriedade intrínseca da sílaba, mas como uma ocorrência temporal metricamente organizada (Lieberman 1975). Posteriormente, Halle e Vergnaud (1987 *apud* Collischonn 2005a, pp. 135 e 136), irão acrescentar constituintes indicados por parênteses à grade métrica anteriormente proposta, além de substituir os algarismos por asteriscos (*cf.* Lieberman & Prince 1977). Compare abaixo a grade métrica na representação dos modelos mencionados para a palavra *borboleta* em (1) e (2)² (Collischonn 2005a, p. 136):

(1)

```

(      *      ) linha 2
(* . * . ) linha 1
(* *) (* *) linha 0
bor bo le ta

```

(2)

```

          7
         6
        5  2  3  4
       1  2  3  4
      bor bo le ta
     s  w  s  w
    / \ / \
   /   \   \
  s     w

```

Na literatura em inglês, existem duas palavras para *acento*: *stress* e *accent*, ambas amplamente usadas. Segundo van der Hulst (2014), o termo *accent*, opondo-se a *stress*,

² s: *strong*, w: *weak*.

poderia significar tanto um conceito implícito e abstrato do que seria o acento na sua constituição, quanto algo que se sobrepõe ao *stress*, incluindo propriedades entonacionais, no caso das línguas em que tais propriedades estão presentes, como será discutido adiante.

No entanto, existem trabalhos que afirmam que algumas línguas tonais da África não possuem nenhum tipo de proeminência acentual, o que indica, entre outros motivos tipológicos, que é possível que o acento não seja uma propriedade universal (Hyman 2014).

2.1. Acento em português

Dentre as características mais conhecidas do latim está a regra do acento, em que, se a penúltima sílaba fosse longa, o acento seria paroxítono, e se fosse breve, seria proparoxítono. Não havia, portanto, acento oxítono em latim. Uma sílaba longa teria rima constituída por uma vogal longa, ditongo ou consoante (Pereira 2007, p. 62). Com o passar do tempo, a natureza quantitativa do acento deixou de ter valor fonológico e passou a ter características de intensidade, o que levou a processos de síncope e apócope em vogais átonas, que por sua vez resultaram em oxítonas nas línguas românicas atuais (Pereira 2007, p. 65).

Segundo estudos experimentais (*cf.* Major 1981; Massini-Cagliari 1992 *apud* Magalhães 2016, p. 109), os correlatos acústicos para o acento em PB são: duração, frequência fundamental (F0) e intensidade. No entanto, ainda não foi encontrada uma regra que determine onde estará localizado o acento na palavra no PB, ainda que tenham sido elaboradas diversas teorias na tentativa de explicar o maior número de dados possível.

Para Ferreira Netto (2001), existem três hipóteses sobre a atribuição do acento no português com relação a não verbos: a do acento livre, a do molde trocaico e a do acento morfológico, sendo cada uma delas defendida por um grupo de autores, como será exposto a seguir.

A hipótese do acento livre considera o acento como uma propriedade lexical e, portanto, imprevisível (Câmara Jr. 1970, Ferreira Netto 2001). Para Câmara Jr. (1970, p. 65), “a sua posição não depende da estrutura fonêmica do vocábulo”, havendo apenas a possibilidade de uma maior frequência entre determinados contextos.

Já a hipótese do molde trocaico considera que a estrutura silábica seja a responsável pela posição do acento (Bisol 1992, Wetzels 1992, Ferreira Netto 2001). Assim, a sílaba com rima ramificada entre as três últimas sílabas de uma palavra seria a acentuada, e, se não fosse o caso de nenhuma delas, o acento cairia em posição paroxítona. Procurando justificar as ocorrências que não se encaixavam na regra, Bisol (1992) propõe a possibilidade de uso do princípio da extrametricidade. Segundo Hayes (1980), a extrametricidade torna invisível a última sílaba (ou elementos vinculados, como rima, coda ou consoantes) de palavras em que tal segmento se mostra irrelevante para a aplicação da regra geral do acento em dada língua. Para Bisol (1992), a regra de acentuação, aparentemente padrão, em que se acentua a última sílaba quando pesada, deixa um número reduzido de exceções. Entre elas, paroxítonas com sílaba final pesada

(e.g. *lápiz*) podem encaixar-se na regra se a consoante final em coda for considerada extramétrica, tornando-se, assim, uma sílaba leve.

Ainda em busca de um padrão acentual previsível, a hipótese do acento morfológico sugere que o acento é atraído pela última vogal do radical, excluindo-se a vogal temática (Ferreira Netto 2001; Magalhães 2016).

Além disso, observa-se que o acento no português é, preferencialmente, paroxítono em palavras terminadas em vogal, e oxítono quando terminadas em consoante (Collischonn 2005a). Para Lee (2007), a regularidade no acento dos não verbos é caracterizada principalmente por: o acento cair em uma das últimas sílabas, a sílaba pesada final atrair o acento, e o acento nunca corresponder à sílaba com a vogal temática.

Embora o português seja visto às vezes como uma língua não favorável à sensibilidade de peso, Wetzels (2007) observa que existe, em não verbos, tendência a que sílabas pesadas atraiam acento consideravelmente. Também Ferreira Netto (2001) sugere que o peso silábico determine o acento oxítono.

2.2. Acento em japonês

O sistema acentual do japonês é analisado tradicionalmente como *pitch-accent*, sendo observado primeiramente por autores como McCawley (1964), à luz da linguística gerativa. Posteriormente, Hyman (2009) questiona a classificação, considerando, como outros autores (Ding 2006; Garde 1967; Hayata 1999; Hyman 1977a, 2006; Martinet 1960; van der Hulst & Smith 1986 *apud* Hyman 2009), a existência de sistemas tonais e *stress-accent*, apenas. É válido ressaltar que o japonês é classificado como uma língua tonal por diversos autores (*cf.* Hyman 2009), e que a classificação de línguas *pitch-accent* é criticada por não constituir um protótipo e não poder ser analisada como um sistema intermediário entre tonal e acentual (Hyman 2009). A não obrigatoriedade de características como a possibilidade de palavras não acentuadas em todas as línguas *pitch-accent*, e conseqüente inconsistência de regras comparadas às de padrão tonal versus padrão *stress*, é um dos argumentos de Hyman (2009, 2014) para questionar a sua utilização como classificação tipológica. Esta pesquisa não discute a fundo a questão, uma vez que a língua analisada aqui é o PB. Sendo assim, utilizaremos a análise de Haraguchi e Kubozono, que classifica o japonês como uma língua de padrão *pitch-accent* e busca aprimorar a pesquisa inicial de McCawley. No entanto, enfatizamos que ambas as análises tomam o *pitch*, ou seja, o tom, como crucial no sistema fonológico do japonês.

Nesse sentido, para alguns autores, uma língua *pitch-accent* se difere de uma língua *stress-accent*, como o português, pois “na primeira o acento é marcado pela altura, ou seja, pela frequência da onda sonora, enquanto que, na segunda, o acento é marcado pela intensidade, ou seja, pela amplitude da onda sonora e pela duração” (*cf.* Gordon 2014). O sistema acentual do japonês de Tóquio segue o padrão “n + 1” (Haraguchi 2001), que corresponde à possibilidade de o acento de toda a palavra cair em qualquer uma das sílabas ou da palavra não ter nenhum acento. Para identificar a localização do acento, utilizamos ['] indicando a queda de altura, ou seja, a sílaba acentuada é a anterior, como nos exemplos abaixo:

Tabela 1. Exemplo da transcrição fonética dos termos em japonês e análise tonal

Transcrição Fonética	Análise tonal
[ori`ŋami]	origami (H-H-L-L)
[koko`ro]	kokoro (H-H-L)
[kaki]	caqui (L-H)
[goha`N]	gohan (H-H-L)

Fonte: Richter e Agostinho (2017).

O acento do japonês de Tóquio é tido como um sistema de padrão múltiplo para não verbos, e um sistema de padrão binário para verbos e adjetivos (Uwano 1999 *apud* Kubozono 2015, p. 93), pois, no primeiro caso, as possibilidades aumentam de acordo com o número de sílabas, enquanto, no segundo, haverá apenas duas opções de local, independentemente do tamanho da palavra. Kubozono (2015, p. 95) aponta, ainda, que a maior parte dos pares mínimos diferenciados por acento são compostos por uma palavra acentuada, e outra não acentuada, o que indica que ter acento ou não importa mais do que em qual sílaba o acento se posiciona.

3. Metodologia

Segundo Mase (1987), os imigrantes do Japão que se instalaram definitivamente e formaram colônias no Brasil vieram, em sua maioria, do oeste japonês, sendo esta a variedade predominante na gramática e no léxico da língua japonesa falada no Brasil. Porém, o mesmo não ocorreu com o acento, sendo este mais influenciado pela região leste (equivalente à variedade de Tóquio, base da língua padrão). O autor não explica como chegou a esta conclusão, mas é conveniente aceitá-la pela quantidade escassa de material disponível referente a outras variedades que não a padrão. Por conseguinte, esta pesquisa toma o acento padrão de Tóquio como referência para a formação de dados.

Foram realizadas gravações de 36 itens lexicais terminados em vogal ou glide selecionados a partir de uma lista de 102 empréstimos de origem japonesa apresentadas em Richter e Agostinho (2017). O local escolhido como campo para pesquisa foi o bairro da Liberdade, em São Paulo-SP, por ser o mais conhecido no Brasil em relação à cultura nipônica, e com maior população de descendência japonesa. Segundo Bocci (2009), “a concentração de japoneses no bairro da Liberdade, entre os anos de 1908-1942, pode ser justificada devido ao custo das moradias, relativamente baixo, quando comparado ao das moradias de outras localidades da capital paulista”. Com o tempo, o bairro se tornou símbolo da presença japonesa no Brasil.

As gravações foram feitas com falantes de PB sem ascendência japonesa (SAJ) e com falantes de ascendência japonesa (AJ). Foram selecionadas apenas mulheres a fim de evitar variação devido ao gênero. As informantes foram abordadas aleatoriamente em diferentes locais da região do bairro da Liberdade e as gravações foram feitas com gravador portátil *Tascam DR-100 MK II* e microfone *Shure WH20*. Foram gravadas doze

informantes com as seguintes faixas etárias: entre 15 e 35 anos; entre 35 e 55 anos; e acima de 55 anos. Às falantes SAJ foram pedidas as seguintes informações: idade, escolaridade, cidade e cidade dos pais. Os dados foram organizados em uma planilha de Excel, como consta na tabela a seguir:

Tabela 2. Dados de informantes SAJ

Identificação	Idade	Escolaridade	Cidade	Cidade dos pais
Informante 1	24	Superior Completo	Patos de Minas (MG)	Patos de Minas (MG)
Informante 2	25	Superior Completo	Carapicuíba (SP)	Iguatu (CE) e Caruí (CE)
Informante 3	29	Superior Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP) e São Caetano (SP)
Informante 4	30	Superior Completo	São Paulo (SP)	Minas Gerais e Pernambuco
Informante 5	31	Superior Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP) e Cruzeiro do Sul (AC)
Informante 6	35	Superior Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)
Informante 7	36	Superior Completo	Bahia	São Paulo e Bahia
Informante 8	50	Superior Completo	São Paulo (SP)	Miraí (MG)
Informante 9	53	Ensino Médio Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)
Informante 10	55	Fundamental Incompleto	Coronel Murta (MG)	Coronel Murta (MG)
Informante 11	57	Ensino Médio Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)
Informante 12	82	Fundamental Incompleto	Miraí (MG)	Rio Pomba (MG)

Fonte: elaborado pelas autoras.

Às informantes AJ, por sua vez, foram pedidas as mesmas informações, com adição de ano em que a família veio para o Brasil e conhecimento de japonês, estando os dados organizados da seguinte forma:

Tabela 3. Dados de informantes AJ

Identificação	Idade	Escolaridade	Cidade	Cidade / prefeitura dos pais	Ano de chegada no Brasil	Conhecimento de japonês
---------------	-------	--------------	--------	------------------------------	--------------------------	-------------------------

Informante 1	15	Ensino Médio Incompleto	São Paulo (SP)	Dourados (MT)	1936 e 1943	Estuda
Informante 2	24	Superior Incompleto	São Paulo (SP)	São Paulo (SP) e Seul	1927	Estudou muito
Informante 3	25	Superior Completo	São Paulo (SP)	Tóquio e Presidente Prudente (SP)	-	Fala
Informante 4	25	Superior Incompleto	São Paulo (SP)	Caçapava do Sul (RS) e Santa Fé do Sul (SP)	1910	Estudou muito
Informante 5	26	Superior Completo	Tomé-Açu (PA)	Tomé-Açu (PA)	1946	Estudou pouco
Informante 6	29	Superior Completo	Cambuí (MG)	Miyazaki e Kanagawa	-	Fala
Informante 7	33	Superior Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	-	Estudou pouco
Informante 8	41	Superior Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	-	Nenhum
Informante 9	43	Superior Completo	Dourados (MT)	Cafelândia (SP) e Hokkaido	1936 e 1943	Fala
Informante 10	43	Superior Completo	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	Década de 40	Nenhum
Informante 11	47	Superior Incompleto	Atibaia (SP)	-	-	Fala
Informante 12	59	Superior Completo	São Paulo (SP)	Japão e São Paulo (SP)	1927	Estudou pouco
Informante 13	62	Superior Completo	São Bernardo do Campo (SP)	Yamaguchi e Hokkaido	1933	Fala
Informante 14	64	Superior Completo	Bastos (SP)	Bastos (SP)	1929	Fala
Informante 15	66	Superior Completo	Itariri (SP)	Itariri (SP)	1908	Estuda

Informante 16	72	Superior Completo	São Bernardo do Campo (SP)	Yamaguchi e Hokkaido	1932	Fala
Informante 17	76	Fundamental Completo	Registro (SP)	Hokkaido	1920	Estuda

Fonte: elaborado pelas autoras.

A seleção das palavras foi feita a partir de sua frequência, considerando as que já tinham escrita adaptada para o português ou que parecem estar significativamente incorporadas por estarem já ligadas a outras palavras do português, como *cabotiá* e *nori*. As falantes foram orientadas a dizerem nome completo, idade, escolaridade, cidade em que nasceu, cidade ou prefeitura dos pais, o ano em que a família veio para o Brasil (no caso das AJ), e se falava ou estudava japonês. Foi pedido, então, que as falantes lessem as palavras encaixando-as na sentença veículo “Eu falo [palavra] baixinho”, repetindo três vezes para cada palavra. Todas preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Após a coleta, os dados foram analisados no programa *Praat* (Boersma & Weenink 2018), de forma que fosse possível observar as realizações fonéticas e os correlatos acústicos de acento nas amostras.

4. Análise dos dados e discussão

Serão analisados, nesta seção, os dados de fala de palavras de origem japonesa em PB coletados no bairro da Liberdade, em São Paulo-SP, com falantes AJ e SAJ. Adianta-se que, mesmo tendo os empréstimos sido selecionados por popularidade no Brasil, muitas falantes demonstraram total desconhecimento de alguns termos como *cabotiá* e *senpai*, especialmente as do subgrupo acima de 55 anos SAJ. Vale frisar, ainda, que nenhuma das falantes SAJ tinha qualquer conhecimento de japonês além do contato com empréstimos.

Já as falantes de origem japonesa, como consta na Tabela 3, são, quase em totalidade, falantes bilíngues ou estudantes da língua. Não se pode ignorar, além disso, que estas falantes estão incluídas em uma comunidade de fala, pois os indivíduos são sempre um produto da sua história e pertencimentos sociais (Labov 1966/2006, p. 5), embora não seja possível precisar o quão consistente ou homogênea essa comunidade seja.

Para as falantes SAJ, foram registrados os seguintes percentuais em relação ao padrão acentual:

Tabela 4. Distribuição acentual das palavras com variação em informantes SAJ

Palavra	Paroxítona	Oxítona
sudoku	36%	64%
kokoro	38%	62%
cabotiá	50%	50%

otaku	50%	50%
kani	56%	44%
nori	75%	25%
matsuri	80%	20%
anime	82%	18%
catana	88%	12%
shoyu	90%	10%
Total	51%	49%

Fonte: elaborado pelas autoras.

Podemos observar que há grande variação nos itens acima. No total, encontram-se 51% dos dados como paroxítonas e 49% como oxítonas. Abaixo, para as falantes AJ, observam-se os seguintes números:

Tabela 5. Distribuição acentual das palavras com variação em informantes AJ

Palavra	Proparoxítonas	Paroxítonas	Oxítonas
Tempura	6%	0%	94%
Cabotiá	0%	6%	94%
Sushi	-	18%	82%
Kokoro	0%	18%	82%
Catana	0%	24%	76%
Nori	-	24%	76%
Anime	0%	29%	71%
Kani	-	41%	59%
Shoyu	-	41%	59%
Shitake	47%	53%	0%
Tofu	-	53%	47%
Hashi	-	65%	35%
Sudoku	0%	65%	35%
Dorama	0%	71%	29%
Matsuri	0%	76%	24%
Temaki	0%	94%	6%
Total	1%	47%	52%

Fonte: elaborado pelas autoras.

Sendo assim, não há diferença significativa na porcentagem de adaptação dos empréstimos no PB para falantes AJ e SAJ em relação ao acento. Em ambos os casos, a porcentagem de realização de oxítonas é mais alta do que esperado em PB, já que o acento do PB é preferencialmente paroxítono em palavras terminadas em vogal (Collischonn 2005a, entre outros), considerando que as palavras do *corpus* analisado terminam em vogais ou glides. Sendo assim, este resultado demonstra um desafio para as teorias de acento do PB.

Em relação às falantes AJ, notamos que também há variação da posição de acento. Nota-se a ocorrência adicional dos termos *tempura* (jap. [tempuura]), *sushi* (jap. [suˈɕi]), *shitake* (jap [ɕiːˈtake]), *hashi* (jap. [haɕi]), *dorama* (jap. [dorama]), *tofu* (jap. [toːɸu]) e *temaki* (jap. [temaki]), além dos já observados na produção de falantes SAJ. Também se observa a ausência de *otaku*, tendo sido observada apenas a forma paroxítona. Não houve realização de palavras proparoxítonas em falantes SAJ mesmo em palavras em que a antepenúltima sílaba é longa em japonês, o que vai ao encontro da proposta de que o acento proparoxítono é marcado em PB (Collischonn 2005b).

Claramente, a ocorrência de proparoxítonas em *tempura* e *shitake* vem da intenção das falantes AJ de compensar a maior duração das sílabas originais em japonês. A maior ocorrência de oxítonas também pode ser justificada pela tentativa de tornar a pronúncia mais próxima do original: vogais finais não reduzidas que são percebidas como oxítonas pelos falantes de PB.

Os termos que apresentam variação em todos os dados não parecem seguir um sistema por não apresentarem diferença percentual significativa, na maior parte dos casos. A palavra *shoyu* ['fojɔ] ou [ʃoˈju] (jap. [ɕoːju]), por exemplo, poderia ter o acento desencadeado pela penúltima sílaba pesada, e a predominância de oxítonas em *anime* (jap. [animeː]) para falantes SAJ corresponderia à vogal longa em japonês, mas não é possível provar que todas as ocorrências estejam necessariamente ligadas a estes fatores, como será discutido a seguir.

Outra questão em relação aos empréstimos é a entrada via língua escrita ou língua falada. No caso de palavras terminadas em <i> e <u>, seria esperado que a adaptação de acento fosse oxítona para casos de entrada via língua escrita, por conta das regras de ortografia e leitura do português, e paroxítono para entrada via língua falada. Nesse sentido, é possível observar que há palavras terminadas em <i> e <u> apresentando variação, enquanto o esperado seria uma maior ocorrência de oxítonas se considerá-los empréstimos com entrada via escrita. Por outro lado, também se esperaria um número relevantemente maior de paroxítonas se fosse aplicada a regra acentual em que sílabas finais leves promovem acento paroxítono, como é o caso de todas as palavras do recorte, o que não ocorre. No caso de *caraoquê* (jap. [karaoke]), por exemplo, houve a alternância entre as formas [karaoˈke] (50%), [karoˈke] (40%) e [karawˈke] (10%) para as falantes SAJ. Já para as falantes AJ, os números foram de 44% para [karaoˈke], 38% para

[karaw'ke], e 18% para [karo'ke]. A Figura 1³ a seguir demonstra a realização de *caraquê* [karo'ke] por uma falante SAJ com redução de hiato por elisão da vogal [a], o que resulta em uma redução silábica:

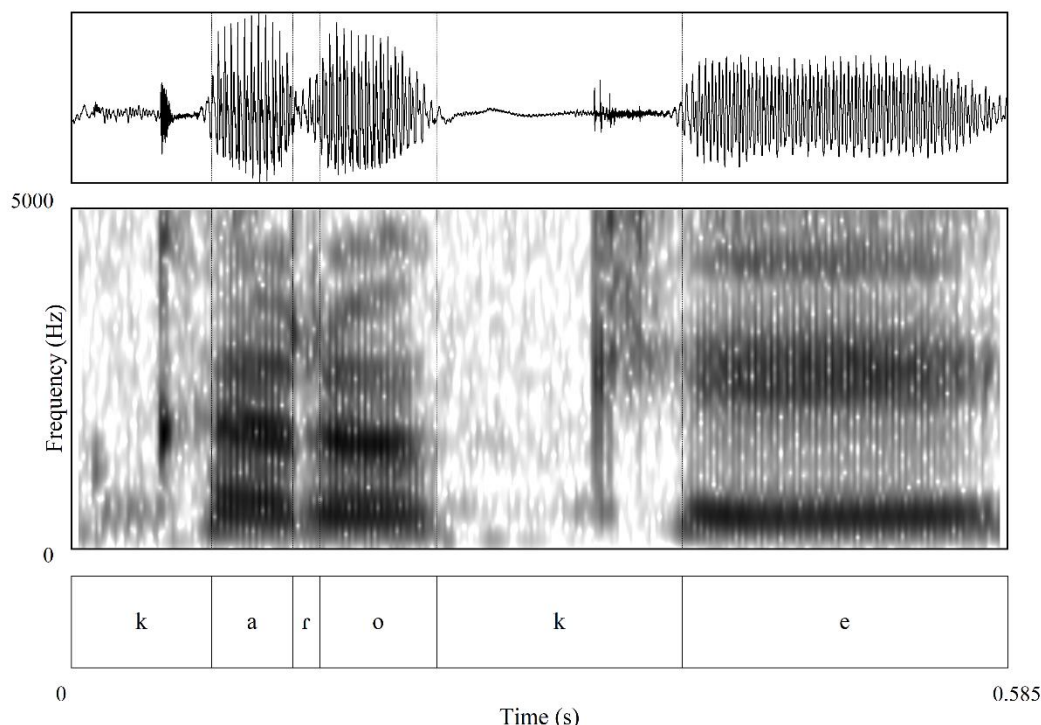


Figura 1. Realização de *caraquê* por informante SAJ

Foi observado, mais uma vez, o processo de abaixamento de vogais em posição tônica, como em *judoca* [ʒu'døkə] (jap. [dzɯ:ˈdo:ka]), com adesão de 100% por todas as falantes. Entretanto, em *cabotia* (jap. [kabotea]), todas as paroxítonas (50%) foram adaptadas como [ka'boʃjɐ] entre as falantes SAJ, enquanto no outro grupo foi registrada apenas uma ocorrência (6%), como paroxítona, também com vogal aberta.⁴ Entre as ocorrências das falantes SAJ foi observado *nori* (jap. [nori]), pronunciada como ['nɔɾi] em metade das paroxítonas (75% contra 25% de oxítonas), sendo as demais pronunciadas como ['noɾi]. Apesar de ter apresentado ocorrência de 24% de paroxítonas na mesma palavra, as AJ também produziram metade dos dados com vogal fechada e metade com vogal aberta. Na palavra *shimeji* (jap. [ɕimezi]), para as SAJ, foi encontrado [ʃi'mɛʒi] em 70% dos casos, sendo todos paroxítonas, enquanto o restante produziu [ʃi'mɛʒi]. Já entre as falantes AJ foi encontrado apenas uma ocorrência (6%) da variação com vogal aberta.

A seguir, apresentam-se as palavras em relação à variação na posição do acento nos dois grupos, ou que variaram exclusivamente em um dos dois grupos:

Tabela 6. Distribuição das palavras em relação à variação acentual em informantes AJ e SAJ

³ Utilizamos o software *Praat* (Boersma & Weenink 2018) e um *script* de Torreira (2005) para a produção das figuras apresentadas no texto.

⁴ E as oxítonas como [kaboʃi'a] para todas as falantes, não tendo sido encontrada a forma [kaboʃjɐ] neste estudo de campo, sugere que seja mais rara ou esteja restrita a outra região do país.

Palavra	Não teve variação	Variação em AJ e SAJ	Variação só em AJ	Variação só em SAJ
anime		*		
bonsai	*			
biombo	*			
cabotiá		*		
caqui	*			
caraoquê	*			
caratê	*			
catana		*		
dorama			*	
gueixa	*			
hashi			*	
judô	*			
judoca	*			
kani		*		
kokoro		*		
mangá	*			
matsuri		*		
nori		*		
ofurô	*			
origami	*			
otaku				*
quimono	*			
saquê	*			
sashimi	*			
senpai	*			
shimeji	*			
shitake			*	
shoyu		*		

sudoku		*	
sushi			*
tatame	*		
temaki			*
tempura			*
tofu			*
tsunami	*		
yakisoba	*		

Fonte: elaborado pelas autoras.

Das 36 palavras do nosso *corpus*, 19 palavras não apresentaram variação de acento. Das 17 palavras que apresentam variação, 9 variam em ambos os grupos, 7 variam apenas em AJ e 1 varia apenas em SAJ. Sendo assim, o grupo AJ apresenta variação nas 16 palavras, enquanto o grupo SAJ apresenta variação em 10. O maior número de ocorrências de variação acentual em AJ pode ser explicado pela realização das palavras com fonética mais próxima ao japonês por falantes bilíngues, em alguns casos, como será discutido a seguir.

A palavra *gueixa* ['gejʃɐ] ou ['gefɐ] (jap. [ge:ea]) foi produzida com ditongo em 90% dos dados das falantes SAJ, o que não seria esperado, uma vez que a monotongação neste contexto é recorrente em português. Sendo assim, a ocorrência do ditongo pode ser explicada pelo fato de que as palavras foram apresentadas na forma escrita em português, cuja ortografia apresenta <ei>. Sendo assim, uma possível explicação para este fato é o contexto não-espontâneo da gravação. No entanto, trabalhos como o de Coetzee (2008), apontam para ausência de processo fonológico – no caso, apagamento – de palavras com baixa frequência, mesmo em contexto favorável, enquanto palavras com alta frequência apresentavam também mais chance de sofrer o processo. Abaixo, observa-se a realização da palavra *gueixa* com ditongo por uma das falantes SAJ:

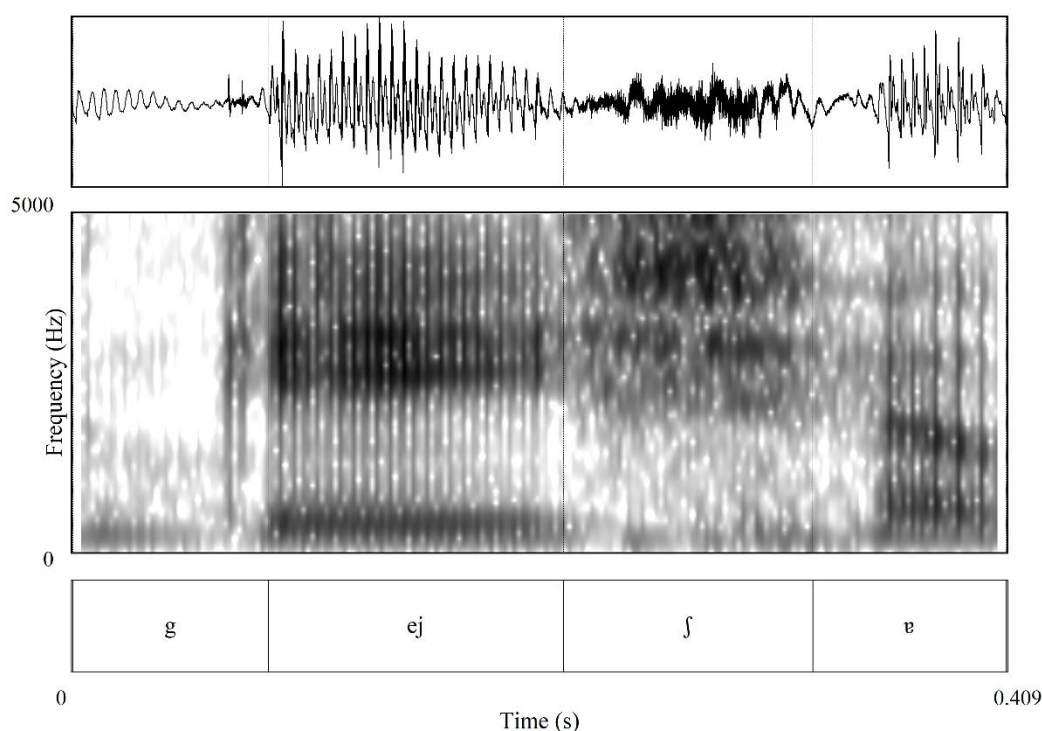


Figura 2. Realização de *gueixa* por informante SAJ

As vogais longas em japonês podem ser romanizadas⁵ com <ei> para [e:] e <ou> para [o:], uma vez que o alongamento das vogais [e] e [o] em japonês é representado ortograficamente com い <i> e う <u> em *hiragana*.⁶ Segundo Richter e Agostinho (2017), este fato contribui para a interpretação dessas sílabas como pesadas, uma vez que podem ser adaptadas com os ditongos <ei> e <ou> em palavras que entram via escrita, como em *gueixa* (jap. [ge:ea]). As autoras também argumentam que palavras com vogal longa em japonês adaptadas sem ditongo podem ser exemplos de entrada via oral, como *karê* [ka're] (jap. [kare:]) e *tofu* [to'fu] ou ['tofu] (jap. [to:ɸu]).

As falantes AJ produziram ditongo em 82% dos dados para a palavra *gueixa*, o que demonstra a adaptação da palavra para o PB, uma vez que em japonês há uma vogal longa, e não um ditongo. Em algumas ocorrências, foi possível observar a não realização de ditongo e uma vogal alongada, ou seja, uma realização mais próxima do japonês⁷:

⁵ Algumas palavras foram encontradas dicionarizadas com a ortografia portuguesa, como *caraoquê* e *cabotiá*, enquanto outras adentraram a língua por sistemas de romanização do japonês, denominados *romaji*, tal como o sistema Hepburn, um dos mais populares e muito utilizado para a romanização de palavras do japonês por falantes de língua inglesa.

⁶ Um dos sistemas de escrita do japonês, utilizado majoritariamente no léxico funcional e transcrição de ideogramas (*furigana*).

⁷ A mesma falante também produziu *gueixa* com ditongo.

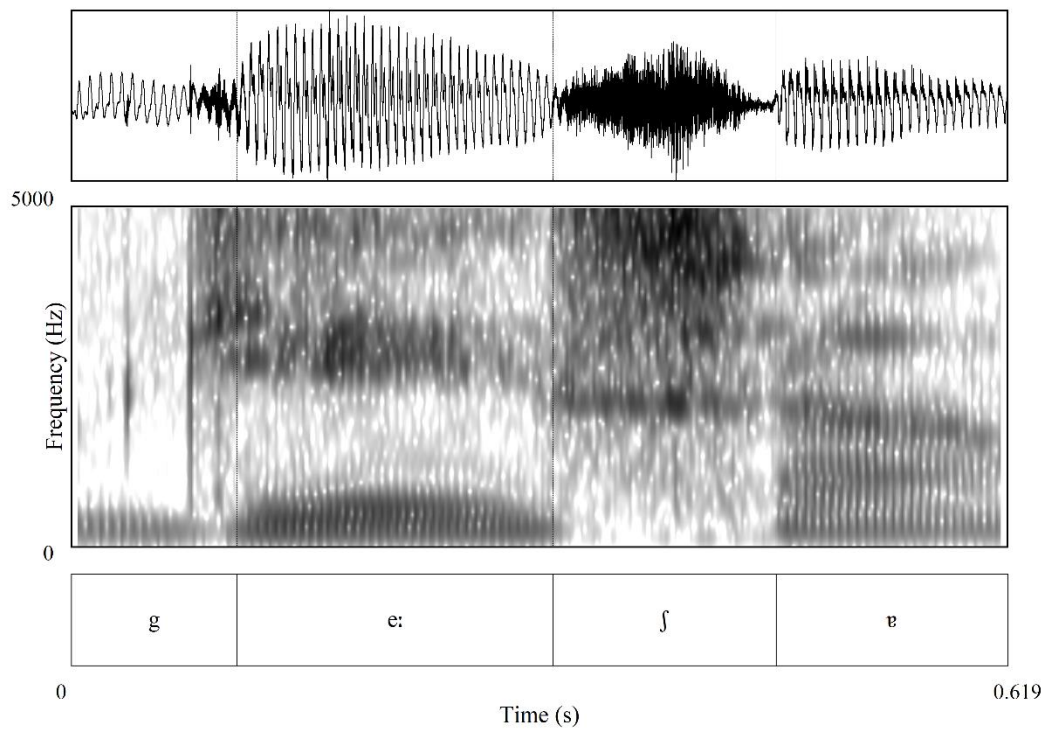


Figura 3. Realização de *gueixa* por informante AJ bilíngue

Enquanto entre as falantes SAJ não foi encontrada nenhuma ocorrência de paroxítona para *tofu* (jap. [to:ɸu]), 53% das falantes AJ pronunciaram a palavra como paroxítona.

A produção da palavra *tofu* por falante SAJ como oxítona e sem vogal longa é reproduzida abaixo. É possível observar que a vogal [u] é mais longa:

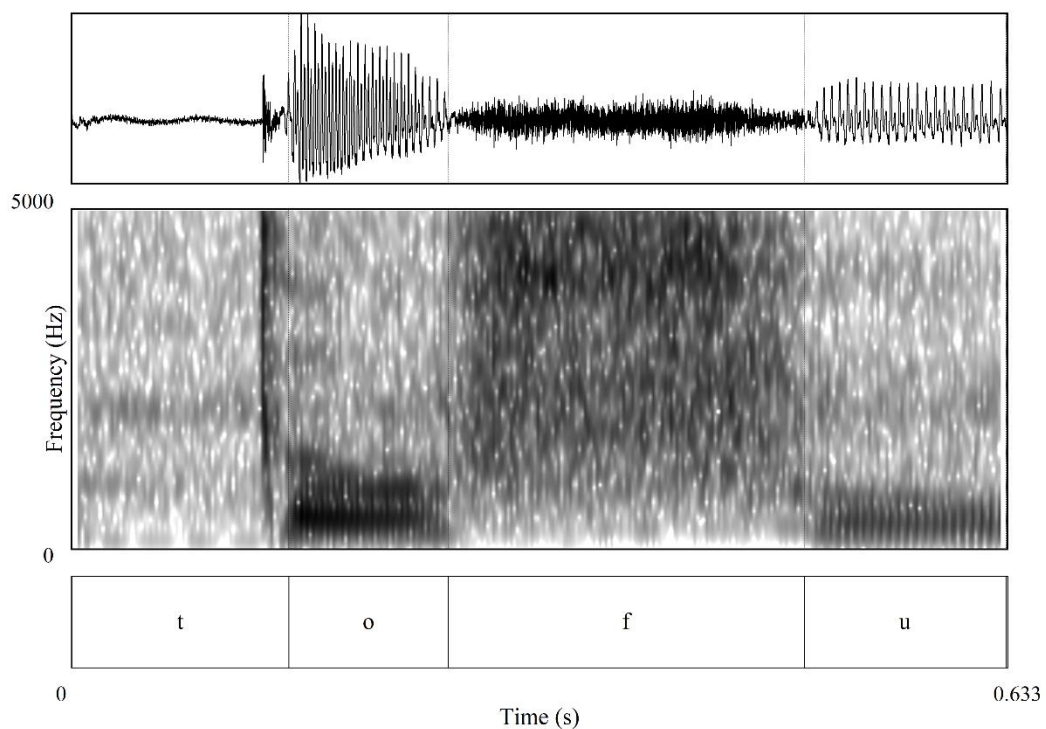


Figura 4. Realização de *tofu* por informante SAJ

Por outro lado, a produção de *tofu* por falante AJ fluente em japonês é feita com vogal longa, assim como ocorre com a palavra *gueixa*, na Figura 3. No japonês, as vogais longas são geralmente 2.7x mais longas do que as demais (Akaba 2008). Neste caso, o [o] é 2.1x mais longo do que a vogal final, como é possível observar na Figura 5:

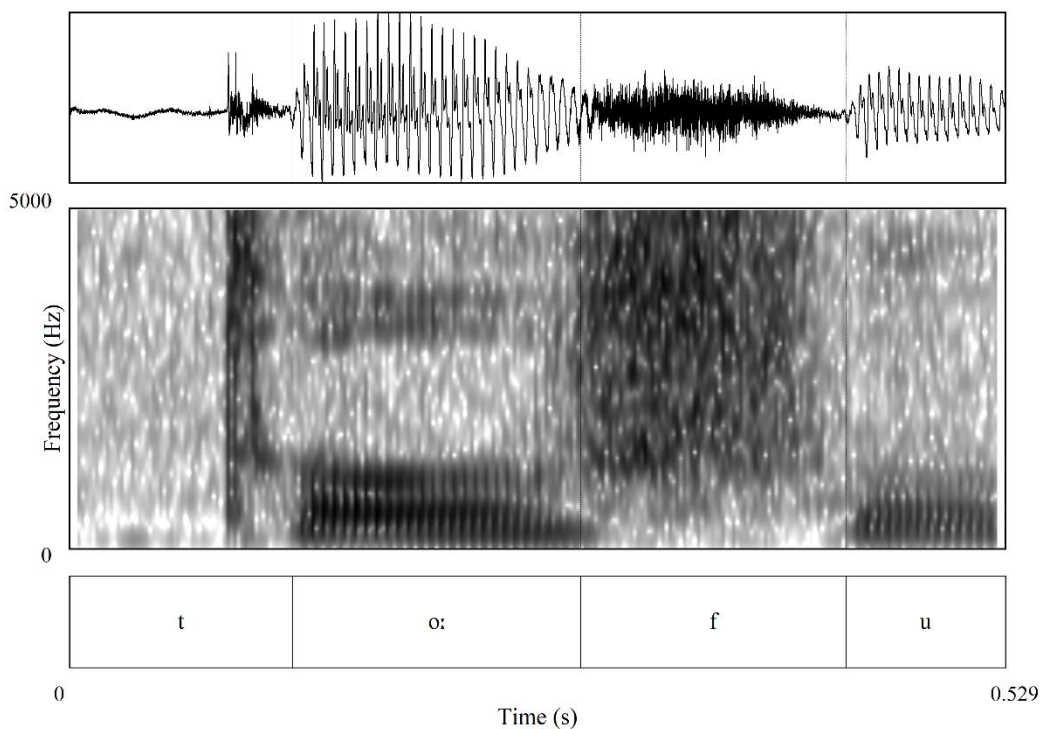


Figura 5. Realização de *tofu* por informante AJ bilíngue

Em *matsuri* [matʃi'suri] (jap. [matsuri]) e *tsunami* [tʃisu'nẽmi] (jap. [tsunami]), notam-se, em algumas falantes SAJ, a inserção de vogal epentética [i] e palatalização de [t] em [tʃisu], assim como em [tʃisu'nami] e [matʃi'suri], resultando numa sílaba a mais do que a pronúncia original. A sílaba com a vogal inserida [i] encontra-se na realização da palavra analisada na Figura 6.

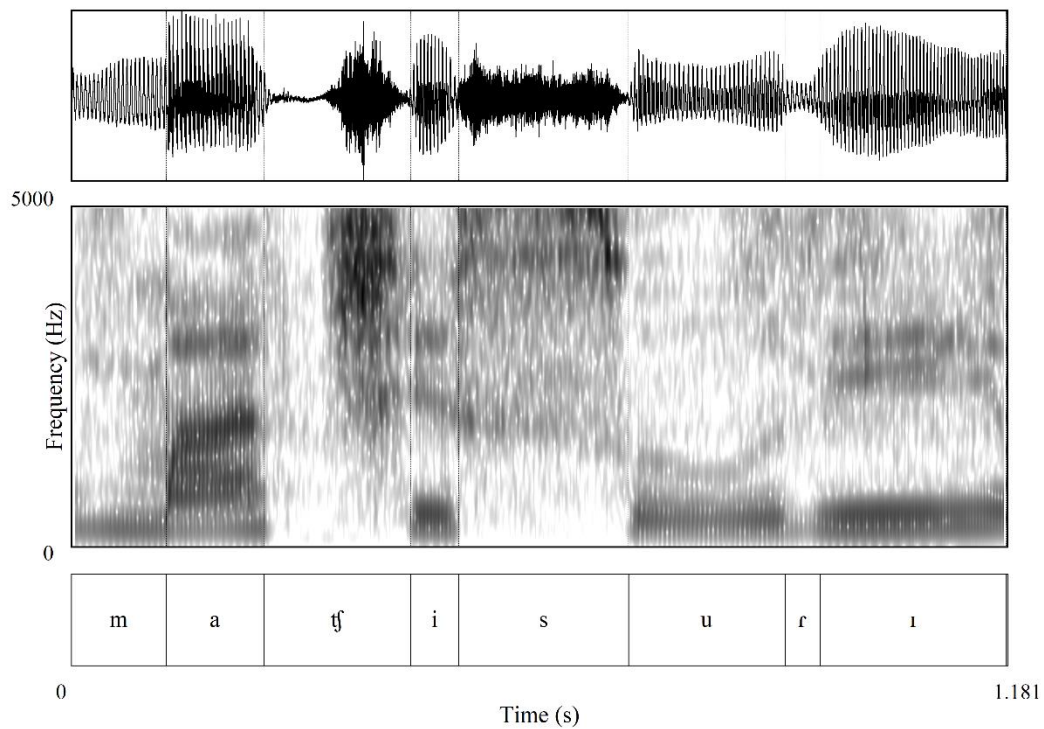


Figura 6. Realização de *matsuri* por informante SAJ

Compare, na Figura 7, com a pronúncia de uma das falantes AJ, em que *matsuri* é realizada com 3 sílabas e sem realização da vogal na segunda sílaba:

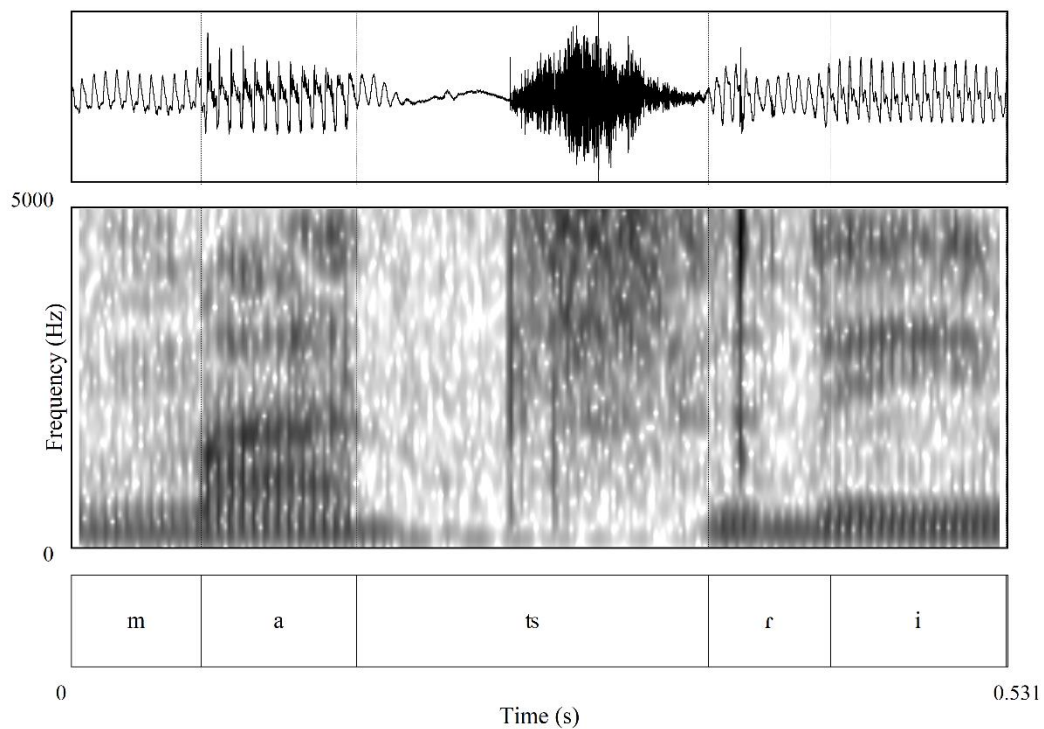
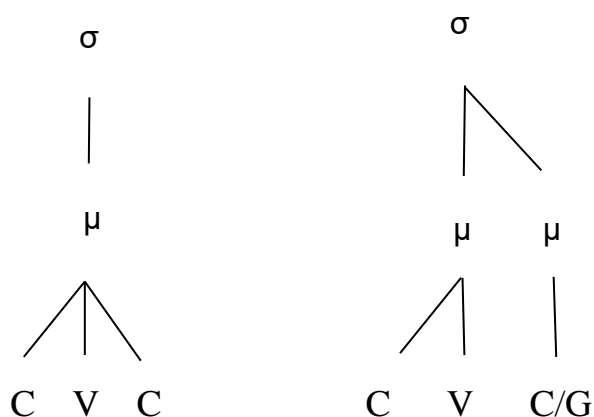


Figura 7. Realização de *matsuri* por informante AJ bilíngue

A realização de [matsri], acima, revela que o conhecimento de japonês da falante, que é bilíngue, influencia a realização do empréstimo em PB, uma vez que não há inserção da vogal epentética [i] e [ɾ] é realizado sem núcleo fonético. Em japonês, há um processo de desvozeamento e apagamento de vogais entre consoantes surdas ou após consoante surda em final de palavra (Fujimoto 2015). Vale ressaltar que este processo de desvozeamento ou apagamento da vogal alta posterior, neste contexto, não ocorre em todos os resultados de falantes AJ, uma vez que a maioria não é bilíngue (*cf.* Tabela 3).

Destaca-se a questão de o peso silábico atrair o acento oxítono, pois todas as palavras do *corpus* de empréstimos de Richter e Agostinho (2017) possuem ao menos uma variação com a sílaba final pesada acentuada (exceto *lamen* ['lamẽj], do original [ra:'men], com vogal longa na sílaba anterior). Nos dados de fala também não é encontrada nenhuma ocorrência de variação com sílaba pesada final, no caso, com ditongo final (*e.g.* *bonsai* [bõ'saj] (jap. [bonsai]). Assim, é possível propor que, entre as duas representações sugeridas por Hayes (1995, p. 120, baseado em Hyman 1985) para CVC em línguas de comportamento diferente, a segunda é a que mais cabe ao PB:

(2)



Em relação às vogais longas em japonês, observamos em nossos dados as seguintes adaptações silábicas em PB:

(i) Vogal longa interpretada como tônica em PB (*e.g. sumô*):

σ	σ	→	σ	σ
	Λ			
μ	μ	μ	μ	μ
Λ	N		Λ	Λ
C V	C V		C V	C V
s u	m o:		s u	'm o

(ii) Vogal longa sendo realizada como ditongo mantendo a sílaba pesada (C)VG tônica em PB, possivelmente por conta da ortografia (*e.g. gueixa*)⁸:

σ	σ	→	σ	σ
Λ			Λ	
μ	μ	μ	μ	μ
N	Λ		Λ	
C V	C V		C V G	C V
g e:	ϕ a		'g e j	j v

(iii) Vogal longa realizada como vogal átona sem manutenção da sílaba pesada ou interpretação da duração como acento, possivelmente para evitar a adaptação de uma proparoxítona (*e.g. shitake*) ou por conta da vogal não reduzida em japonês (*e.g. tofu*)⁹:

σ	σ	→	σ	σ
Λ				
μ	μ	μ	μ	μ
N	Λ		Λ	Λ
C V	C V		C V	C V
t o:	ϕ u		t o	'f u

⁸ Nesse caso, como mencionado anteriormente, há também a realização sem o ditongo ['gefɐ], o que atribuímos a um processo fonológico interno do português.

⁹ Ambos os empréstimos apresentam variação acentual, como visto na Tabela 6.

σ	σ	σ	→	σ	σ	σ
Λ						
μ	μ	μ		μ	μ	μ
N	Λ	Λ		Λ	Λ	Λ
C	V	CV	CV	CV	CV	CV
ç	i:	t a k e		ʃ	i 't a k ɪ	

Dentre as 9 palavras com vogal longa em japonês, 3 não apresentam variação acentual em ambos os grupos (cf. Tabela 6). As vogais longas nessas 9 palavras são adaptadas como acentuadas em 56% dos dados em SAJ e 65% em AJ, sendo a média 62%. Se excluídas as palavras com vogal longa na antepenúltima sílaba (*shitake* e *sudoku*), a média sobe para 77%. Esse resultado vai parcialmente ao encontro do verificado no *corpus* de 102 empréstimos, sendo 36 com vogal longa, em Richter e Agostinho (2017), que conclui que 87% das vogais longas nas 36 palavras do japonês são adaptadas como acentuadas em PB.

Não é estranho atribuir sensibilidade de peso a uma língua sem distinção entre vogais longas e curtas, pois, segundo Wetzels (2003), esta regra tem origem em uma má interpretação de Trubetzkoy, o que é corroborado pelos exemplos que o autor apresenta de outras línguas em situação similar à do português quanto a isso. Sendo assim, os falantes de PB parecem ser sensíveis ao peso das vogais longas do japonês, mesmo que em PB não haja duração fonológica. Como apontado acima, isso se dá pelo fato de que a duração da vogal é um dos correlatos fonéticos do acento em PB.

Sendo assim, os resultados (i) e (ii) estão de acordo com os dados obtidos por Hermans e Wetzels (2012), com um *corpus* de palavras recentemente criadas que inclui acrônimos, nomes inéditos de bebês e remédios. Nesta pesquisa, todas as palavras são acentuadas como oxítonas quando a última sílaba é pesada e paroxítonas quando a última sílaba é leve, o que reafirma a hipótese de o português ser sensível ao peso silábico.

No entanto, a adaptação recente de palavras terminadas em vogal, sem acento ou vogal final longa em japonês, como oxítonas (e.g. *mangá* [mẽ'ga] (jap. [maŋga]), *tempura* [tẽpu'ra] (jap. [tempura]), *saquê* [sa'ke] (jap. [sake]), *caqui* [ka'ki] (jap. [kaki]), *ofurô* [ofu'ro] (jap. [oɸuro])), ainda apresenta um desafio para as teorias de acento que levam em consideração o peso silábico. Palavras com vogal longa ou coda nasal na penúltima sílaba adaptadas como oxítonas, como *tofu* (jap. [to:ɸu]), representada em (iii) acima, realizada como [to'fu] por todas as falantes SAJ¹⁰ e como ['toɸu] por 53% de falantes AJ e *mangá* [mẽ'ga] (jap. [maŋga]), realizada como oxítona em todos os casos, em ambos os grupos, também fogem à regra. Outro grupo de exceções é o de palavras sem qualquer

¹⁰ Apesar de não aparecer em nossos dados, a pronúncia de *tofu* como paroxítona também é possível em falantes SAJ, apesar de pouco comum.

sílaba pesada que são adaptadas como oxítonas, como *caqui* [ka'ki] (jap. [kaki]), por exemplo.

Nesse sentido, analisamos a distribuição acentual dos empréstimos em PB em relação ao peso da sílaba final. Os resultados mostram que 87% das palavras com sílaba pesada em japonês (CV:, CVN ou CVG) são adaptadas como oxítonas, como seria esperado:

Tabela 7. Distribuição acentual em PB de palavras com sílaba final pesada em japonês

	Oxítonas	Paroxítonas
SAJ	80%	20%
AJ	93%	7%
Média	87%	13%

Fonte: elaborado pelas autoras.

No entanto, 67% das palavras que não possuem sílaba pesada final em japonês são adaptadas como oxítonas, o que não seria esperado em PB:

Tabela 8. Distribuição acentual em PB de palavras com sílaba final leve em japonês

	Oxítonas	Paroxítonas
SAJ	65%	35%
AJ	68%	32%
Média	67%	33%

Fonte: elaborado pelas autoras.

Nesses casos, nossa hipótese é a de que os falantes de PB adaptam estas palavras como oxítonas por conta das vogais finais não reduzidas em japonês ou por conta da ortografia quando terminadas em vogal alta <i, u>. Nesse sentido, nossos dados corroboram trabalhos anteriores que observam uma tendência de as vogais [i] e [u] atraírem o acento oxítono (Agostinho & Araujo 2007a, 2007b; Richter & Agostinho 2017). Mesmo assim, podemos constatar novamente que o padrão oxítono ainda está ativo e é produtivo em PB (cf. Agostinho & Araujo 2007a, 2007b), e não pode ser tratado apenas como exceção nos estudos de fonologia do PB.

Resta ainda explicar o motivo de palavras como *bonsai*, *caratê*, *caraoquê*, *judô*, *judoca*, *caqui*, *mangá*, *saquê*, *ofurô*, *sashimi*, *senpai*, *biombo*, *gueixa*, *quimono*, *origami*, *yakisoba*, *tatame*, *shimeji* e *tsunami* não apresentaram nenhum tipo de variação acentual em ambos os grupos. Apesar das possíveis motivações fonológicas já discutidas anteriormente, é razoável acrescentar que a frequência desempenha um “efeito de produção automatizada” (Bybee 2001, p. 12), que tornaria fixa a posição do acento nesses termos. Por outro lado, é viável observar que casos como *shoyu*, *sushi* e *tofu* podem estar sofrendo uma ‘revisão’, ou seja, uma busca para aproximar a pronúncia do original, pelos

falantes inseridos na comunidade japonesa ou próximos a ela, principalmente considerando a presença de falantes bilíngues ou estudantes.

5. Considerações finais

A partir da análise dos dados, constatou-se que o léxico estudado é nativizado, de forma geral, segundo o padrão linguístico da língua receptora e não apresenta um sistema fonológico diferente (cf. Hyman 1970; Kenstowicz 2001; Kenstowicz & Suchato 2006; Paradis 1996; Paradis & Label 1994).

No entanto, falantes bilíngues parecem poder apresentar uma fonologia intermediária, uma vez que realizam produções não esperadas para falantes de PB, como visto acima no exemplo *matsuri*. Sendo assim, o conhecimento da língua originária do empréstimo parece desempenhar um papel no resultado da adaptação em relação aos segmentos realizados e processos fonológicos.

Em relação aos dados de fala, por meio da análise da fala de 12 falantes SAJ, e 17 falantes AJ, foi possível observar a variação de acento em percentuais. Foi visto que no grupo SAJ, 51% das palavras foram produzidas como paroxítonas, enquanto 49% foram produzidas como oxítonas. As falantes AJ acentuaram 47% como paroxítonas, 52% como oxítonas e 1% como proparoxítonas, o que demonstrou que o acento proparoxítono pode ser selecionado mediante motivação fonológica – no caso, a maior duração das sílabas pesadas em japonês das palavras *tempura* (jap. [tempura]) e *shitake* (jap [ei:ˈtake]) –, o que vai ao encontro da proposta do acento proparoxítono ser marcado (Collischonn 2005b). Ambos os grupos apresentam mais oxítonas do que seria esperado em PB em um *corpus* de palavras terminadas em vogal ou glide, o que mostra que há um padrão sendo aplicado para o PB nos dois grupos.

Nossos resultados vão ao encontro de Agostinho e Araujo (2007a, 2007b), que demonstram que mais de 80% das palavras com acento final em português são derivadas da adaptação de empréstimos.

A adaptação de vogais longas como tônicas em sua maioria aponta para a relevância do peso silábico na fonologia do PB, como previsto por Ferreira Netto (2001), Hermans e Wetzels (2012), Wetzels (2003, 2007), entre outros, e da duração como correlato acústico de acento em PB. Também foi observado que a variação de acento que corresponde à vogal longa do japonês não necessariamente é a preferida, como é o caso de *tofu*, tendo sido encontradas ocorrências da variação [ˈtofu] (jap. [to:ɸu]) apenas nos dados de falantes AJ. O *pitch-accent* do japonês se mostrou irrelevante para a atribuição de acento nos empréstimos em PB, como esperado (cf. Richter & Agostinho 2017).

No entanto, a adaptação de palavras terminadas em vogal como oxítonas ainda apresenta um desafio para as teorias de acento em PB, uma vez que não podem ser explicadas apenas como tendo sido adaptadas a partir de vogais longas em nossos dados. Uma possível explicação para isso seria que falantes de japonês não reduzem as vogais finais ou pelo fato de as palavras terminarem em <i, u> ortográficos. Ao mesmo tempo, trabalhos anteriores apontam para a tendência das vogais [i] e [u] atraírem o acento oxítono (Agostinho & Araujo 2007a, 2007b; Richter & Agostinho 2017).

Nossos dados demonstram que 67% das palavras terminadas em sílaba leve, em japonês, são adaptadas como oxítonas. Sendo assim, podemos constatar que esse padrão ainda é produtivo em português, como proposto por Agostinho e Araujo (2007a, 2007b), e está ativo na língua (*cf.* Calabrese & Wetzels 2009; Hyman 1970), não podendo ser tratado como mera exceção nas teorias que tratam do acento em PB.

A variação de palavras sem fundamento fonológico explícito foi justificada pela baixa frequência das palavras em questão, o que faz com que o acento não esteja localizado em posição definitiva para os falantes (*cf.* Bybee 2001), diferentemente das palavras com maior frequência, em que há maior repetição, e, conseqüentemente, maior assimilação.

Sendo assim, concluímos que há interação fonológica de diferentes regras nos exemplos aqui discutidos, o que demonstra que não há apenas uma regra ou um conjunto de regras categóricas para a adaptação acentual das palavras do japonês no PB, apesar de haver tendências em ambos os grupos estudados.

Finalmente, ressaltamos que o estudo de adaptação de empréstimos japoneses em português se adequa aos estudos de fonologia de empréstimos em geral, uma vez que possibilita “estudar a verdadeira fonologia sincrônica de L1, observando seus processos fonológicos em ação” (Calabrese & Wetzels 2009, p. 1, tradução nossa) e fornece uma “janela direta para o estudo de como os correlatos acústicos são categorizadas em termos de características distintivas relevantes para o sistema fonológico de L1” (Calabrese & Wetzels 2009, p. 1, tradução nossa).

Financiamento: Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 200519/2019-0, e pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq, a quem as autoras agradecem.

Agradecimentos: As autoras agradecem a dois pareceristas anônimos da revista *Diacrítica* pelas contribuições e a Cristiane Lazzarotto-Volcão, Vitor Augusto Nóbrega e Eduardo Correa Soares pelas sugestões em uma versão preliminar deste artigo.

Referências

- Agostinho, A. L., & Araujo, G. A. (2007a). Um estudo estatístico sobre as oxítonas no português. *Signótica*, 19(2), 177–208. <https://doi.org/10.5216/sig.v19i2.7466>
- Agostinho, A. L., & Araujo, G. A. (2007b). Palavras oxítonas no português. *Academic Bulletin of Kyoto University of Foreign Studies*, 70, 235–57.
- Akaba, S. (2008). *An acoustic study of the Japanese short and long vowel distinction* (Dissertação de Mestrado, University of Kansas, USA). Consultado em <http://hdl.handle.net/1808/4170>
- Araujo, G. A., & Agostinho, A. L. (2009). Nativização e manutenção de acento oxítono em português. *Signótica*, 21, 305–40. <https://doi.org/10.5216/sig.v21i2.9159>
- Alves, I. (2007). Neologismo: Criação lexical. São Paulo: Ática.
- Boersma, P., & Weenink, D. (2018). Praat: doing phonetics by computer (Versão 6.0.43) [Programa de Computador]. Disponível em <http://www.praat.org/>.
- Bocci, D. S. (2009). Bairro da Liberdade e a imigração japonesa: a ideia de Bairro Japonês. *Cordis*, 2. Consultado em <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/9526>
- Bisol, L. (1992). O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 22, 69-80. <https://doi.org/10.20396/cel.v22i0.8636897>

- Bybee, J. (2001). *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612886>
- Calabrese, A., & Wetzels, W. L. (2009). Loan phonology: Issues and controversies. In A. Calabrese & W. L. Wetzels (Orgs.) *Loan phonology*. Amsterdam: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cilt.307>
- Câmara Jr., M. (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, N. (2009). *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez.
- Chomsky, N. & Halle, M. (1968). *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row Publishers.
- Coetzee, A. W. (2008). Phonological variation and lexical frequency. *Proceedings of the North East Linguistic Society*, 38. <https://doi.org/doi:10.7282/T39Z92TJ>
- Collischonn, G. (2005a). A sílaba em português. In L. Bisol (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* (4.^a ed.). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Collischonn, G. (2005b). Acento em português. In L. Bisol (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro* (4.^o ed.) Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Ferreira Netto, W. (2001). *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.
- Fujimoto, M. (2015). Vowel devoicing. In H. Kubozono (Ed.) *Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Berlin: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9781614511984>
- Fujiwara, É. Y. (2014). *A criação de neologismos de base japonesa por falantes de português* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas).
- Gordon, M. (2014). Disentangling stress and pitch-accent: A typology of prominence at different prosodic levels. In van der Hulst (Eds.) *Word stress: Theoretical and typological issues*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139600408.005>
- Guia da Cultura Japonesa. (2004). São Paulo: JBC.
- Haraguchi, S. (2017). Accent. In N. Tsujimura (Eds.) *The handbook of Japanese linguistics*. Blackwell Publishers. <https://doi.org/10.1002/9781405166225>
- Hayes, B. (1980). *A Metrical Theory of Stress Rules* (Tese de Doutorado, MIT, USA).
- Hayes, B. (1995). *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hermans, B. & Wetzels, W. L. (2012). Productive and unproductive stress patterns in Brazilian Portuguese. *Letras & Letras*, v. 28, n. 1.
- Holden, K. (1976). Assimilation rates of borrowings and phonological productivity. *Language*, 52 (1), 131–147. <https://doi.org/10.2307/413213>
- Hyman, L. M. (1970). How concrete is phonology? *Language*, 46(1), 58–76. <https://doi.org/10.2307/412407>
- Hyman, L. M. (1985). *A theory of phonological weight*. Dordrecht: Foris.
- Hyman, L. M. (2009). How (not) to do phonological typology: The case of pitch-accent. *Language Sciences*, 31, 213–238. <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2008.12.007>
- Hyman, L. M. (2014). Do all languages have word accent? In H. van der Hulst (Ed.) *Word stress: Theoretical and typological issues*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139600408.004>
- Kenstowicz, M. (1994). *Phonology in generative grammar*. Cambridge: Blackwell Publishers. <https://doi.org/10.1017/S0952675700002402>
- Kenstowicz, M. (2001). The role of perception in loanword phonology. *Linguistique Africaine*, 20, 95–112.
- Kenstowicz, M. & Suchato, A. (2006). Issues in loanword adaptation: A case study from Thai. *Lingua*, 116(7), 921–949. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2005.05.006>
- Kono, A. (2001). Portuguese-japanese language contact in 16th century Japan. *Bulletin of Portuguese – Japanese Studies*, 3, 43–51. Consultado em <https://www.redalyc.org/comocitar.ou?id=36100304>
- Kubozono, H. (2015). Introduction to Japanese phonetics and phonology. In H. Kubozono (Ed.) *Handbook of Japanese phonetics and phonology*. Berlin: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9781614511984>

- Labov, W. (1966/2006). *The social stratification in English of New York* (2.^a ed). New York: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511618208>
- Lee, S. (2007). O acento primário no português: Uma análise unificada na teoria da otimalidade. In G. Araujo (Org.) *O acento em português: Abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola.
- Liberman, M. (1975). *The intonational system of English*. (Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology).
- Liberman, A. M., & Prince, A. (1977). On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, 8, 249-336.
- Mase, Y. (1987). A língua japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. *Estudos Japoneses*, 7, 137-146. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.v7i0p137-146>
- Magalhães, J. (2016). Main Stress and Secondary Stress in Brazilian and European Portuguese. In W. L. Wetzels, J. Costa & S. Menuzzi (Eds.) *The handbook of Portuguese linguistics*. New Jersey: Wiley-Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781118791844>
- McCawley, J. D. (1964). *The accentual system of standard Japanese* (Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts).
- Paradis, C. (1996). The inadequacy of filters and faithfulness in loanword adaptation. In D. Jacques & L. Bernard (Eds.) *Current trends in phonology: Models and methods*. University of Salford Publications, Salford, pp. 509-534.
- Paradis, C. & Label, C. (1994). Contrasts from segmental parameter settings in loanwords: core and periphery in Québec French. In *Proceedings of the MOT Conference on Contrast in Phonology*. Toronto Working Papers in Linguistics, v. 13, p. 75-94.
- Pereira, M. I. (2007). Acento latino e acento em português: que parentesco? In G. Araujo (Org.) *O acento em português: Abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola.
- Richter L. & Agostinho A. L. (2017). Adaptação de empréstimos de origem japonesa no português: Uma análise preliminar. *Revista Linguística*, 13(3), 127-149. <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2017.v13n3a16387>
- Torreira, F. (2005). *Draw objects*. Center for Open Science. Consultado em <https://osf.io/mvt72/>.
- van der Hulst, H. (2014). The study of word accent and stress. In H. van der Hulst (Eds.) *Word stress: Theoretical and typological issues*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139600408>
- Wetzels, W. L. (1992). Mid-vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, 19-55.
- Wetzels, W. L. (2003). On the weight issue in Portuguese: A typological investigation. *Letras de Hoje*, 38(4), 107-133.
- Wetzels, W. L. (2007). Primary word stress in Brazilian Portuguese and the weight parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, 6(1), 9-58. <http://doi.org/10.5334/jpl.144>

[recebido em 29 de fevereiro de 2020 e aceite para publicação em 22 de junho de 2020]